

Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 01, número 01, 2002 - ISSN 1676-2924

O LUGAR MÍTICO DA MEMÓRIA

Cláudia Cerqueira do Rosario

Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO

Mestre em Filosofia

Resumo: O texto é uma reflexão acerca da memória vista a partir da mitologia, especificamente grega. É elaborada através da compreensão do mito como revelação ontofânica e do papel da memória propriamente dita como desveladora de ser e sentido originários, buscando uma aproximação às formas contemporâneas de abordagem do tema.

Abstract: The paper is a reflection about memory seen from the mythological point of view - here the greek one. It is elaborated through "myth" understood as ontophanic revelation, through the role of memory itself as originary being and sense unweaver, and searching an approach to contemporary ways of thinking this subject.

A *Teogonia*¹ de Hesíodo, que nos narra a origem dos deuses na tradição grega, conta que no princípio surgiu Gaia (a Terra) de amplos seios, que antes de tudo gera para si própria um consorte, Urano (o Céu). Juntos produzem numerosa descendência. Entre outros seres fantásticos, a hierogamia primordial grega gera os Titãs, e entre eles Mnemósine. A palavra grega prende-se ao verbo *mimnéskein*, que significa "lembrar-se de". A titânida Mnemósine, assim, vem a configurar no universo mitológico grego a própria personificação da Memória.

Mas o mito nos diz mais. Ele nos diz que um dos Titãs, Cronos, depois de destronar o pai despótico e instaurar um governo ainda mais despótico, é por sua vez destronado por seu filho Zeus num terrível combate. Para celebrar, Zeus une-se durante nove noites consecutivas à Mnemósine, e desta união nascem nove filhas, as cantoras divinas que tinham por função primeira presidir as diversas formas do pensamento: sabedoria, eloquência, persuasão, história, matemática, astronomia. São as nove Musas e a palavra grega que as designa, como assinala Junito Brandão², talvez se relacione a um termo que significaria "fixar o espírito sobre uma idéia, uma arte". Também à mesma família etimológica pertence a palavra "música" - o que concerne às Musas - e "museu" - o templo das Musas, onde elas residem ou onde alguém se adentra nas diversas artes.

A própria *Teogonia* se inicia com a invocação às Musas. O poeta rapsodo, o aedo, através da palavra cantada, guarda a visão de mundo e a consciência histórica do grupo social em que se gerou, ou seja, a comunidade pastoril anterior à formação das cidades na Grécia. Como assinala Torrano,

É através da audição deste canto que o homem comum podia romper os estreitos limites de suas possibilidades físicas de movimento e visão, transcender suas fronteiras geográficas e temporais, que de outro modo permaneceriam infranqueáveis, e entrar em contato e contemplar figuras, fatos e mundos que pelo poder do canto se tornam audíveis, visíveis e presentes. O poeta, portanto, tem na palavra cantada o poder de ultrapassar e superar todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais, um poder que lhe é conferido pela Memória (Mnemosine) através das palavras cantadas (Musas).³

É o dom de Mnemósine: conduzindo o câro das Musas, confundindo-se mesmo com elas, preside a função poética. A Grécia arcaica da mesma forma que diviniza a função psicológica da Memória, diviniza a possibilidade de suas funções: a poesia é uma espécie de possessão pelas Musas, de delírio divino que toma o poeta e o transforma no intérprete de Mnemósine, daquela que tudo sabe, e como nos canta Hesíodo "inspiraram-me um canto divino para que eu glorie o futuro e o passado".⁴

Mas, como assinala Vernant⁵, a atividade do poeta orienta-se preponderantemente para o passado, e mais especificamente para o "tempo original". A Mnemósine mítica aparece mesmo no início dos tempos, filha de uma primeira geração divina, presente naquele tempo originário que o canto de Hesíodo nos apresenta possuído pela inspiração das Musas. Não é, pois, um passado qualquer que se apresenta no canto do poeta: é a própria possibilidade de ser do mundo, o próprio momento gerador cujas conseqüências se vêem no mundo presente, neste mundo visível em que vivemos. O canto das Musas evoca Memória que presentifica níveis diferentes de ser: nos leva ao momento mesmo em que se constituem Terra e Céu, em que Zeus combate os Titãs, em que o mundo vem a ser o que é. O canto das Musas é, assim, revelação e conhecimento do mundo.

Muito nos pode dizer o mito de Mnemósine e das Musas com relação ao nosso sentido contemporâneo de Memória. Para percebê-lo, podemos explorar o próprio sentido da palavra "mito". Como nos assinala Torrano,

Mythos é uma das muitas palavras que a língua de Homero e de Hesíodo dispõe para designar o ato da fala. Nessa riqueza vocabular, correspondente à espantosa exatidão com que o homem na grande época do mito do mundo percebe e se dá conta dos diversos matizes da concretude e da pluralidade, descobre-se um senso de realidade cujo modo privilegiado de conhecimento é a intuição instantânea do sentido totalizante do ser em seres imediatamente dados em cada caso.⁶

O mito é assim, antes de tudo, uma ontofania, ou seja uma manifestação de ser. Torna presente o próprio fenômeno da existência em sua plenitude de ser e de sentido, nos coloca diante da própria gênese dos deuses e homens. O mito é a palavra que revela o ser. Revela-o, note-se bem. Não o conceitua ou esgota, ou delimita-o a um sentido. O mito é antes, a revelação da própria pluralidade de sentido, ou do próprio excedente de sentido que o conceito, por sua natureza, não pode conter. Por isto, a fala do mito não conceitua, mas revela e mostra. E mostra como ser, como o "sendo" do tempo original, em que constituiu-se o ser do mundo, dos deuses e dos homens. E o mito, nas sociedades arcaicas, tem o papel essencial de re-atualizar aquilo que se passou na origem dos tempos, o que torna fundamental seu conhecimento. Mircea Eliade nos diz :

Não só porque os mitos fornecem uma explicação do Mundo e da própria maneira de estar no mundo, mas sobretudo porque, ao recordar, ao reatualizá-los, ele é capaz de repetir o que os Deuses, os Heróis ou os Antepassados fizeram *ab origine*. Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Por outras palavras, aprende-se não só como as coisas passaram a existir, mas também onde as encontrar e como fazê-las ressurgir quando elas desaparecem.⁷

O termo "recordar" é aqui fundamental. No contexto mítico, recordar significa resgatar um momento originário e torná-lo eterno em contraposição à nossa experiência ordinária do tempo como algo que passa, que escoa e que se perde. A recordação, como resgate do tempo, confere desta forma imortalidade àquilo que ordinariamente estaria perdido de modo irrecuperável sem esta re-atualização. Traz de novo a presença dos Deuses, os feitos exemplares que forjam os Heróis e que perseguimos ainda hoje como modelos exemplares, nos coloca novamente em presença das tradições dos Antepassados que nos tornaram o que somos. Assim, como dissemos, o papel da memória não é apenas o de simples reconhecimento de conteúdos passados, mas um efetivo reviver que leva em si todo ou parte deste passado. É o de fazer aparecer novamente as coisas depois que desaparecem. É graças à faculdade de recordar que, de algum modo, escapamos da morte que aqui, mais que uma realidade física, deve ser entendida como a realidade simbólica que cria o antagonismo-chave com relação ao nosso tema: o esquecimento. O esquecimento é a impermanência, a mortalidade. E não nos dirá Platão mais tarde que "a natureza mortal procura, na medida do possível, ser sempre e ficar imortal " ?⁸

O lugar da Memória é, pois, o lugar da imortalidade. Em Platão, o conhecimento é compreendido como reminiscência: é o amor do belo que desperta na alma as lembranças do conhecimento das idéias perfeitas, obscurecidas pela encarnação. Por sua vez, as formas da atividade amorosa - procriação, poesia, legislação - garantem a "memória das virtudes" que conservamos, e garantem "imortal glória e memória" às obras produzidas e deixadas às gerações, como as obras de Homero e Hesíodo.⁹ É a atividade amorosa que gera - filhos ou obras . No caso dos filhos, perpetua-se a memória do sangue, ou, como podemos dizer hoje em dia, dos genes da espécie humana. No caso das obras, permanecem a cultura, os valores, as expressões máximas do pensamento e do sentimento humano coletivos. Em

ambos os casos, invisível sob o inexorável transcorrer da duração, sob as inevitáveis transformações seculares, o passado presentifica-se em um gesto, em uma reminiscência ou lembrança que eclode na releitura de um mito, na presença de um objeto que nos evoca um tempo que já não é o nosso mas que contribuiu de modo efetivo para que sejamos o que somos. Em suma, a memória não está apenas no passado trazido à tona pela recordação, mas está presente em nossos corpos, em nosso idioma, no que valorizamos, no que tememos e no que esperamos. A memória nos identifica como indivíduos e como coletividade. A memória permite mesmo que estas linhas sejam escritas em seqüência coerente.

Quando pensamos em "passado", temos a tendência a imaginá-lo como algo pertencente à um tempo longínquo, datado em cronologias distantes. O passado se parece com a Grécia Clássica, com o Império Romano, com o Mundo Medieval, com as inverossímeis pirâmides egípcias, com os vasos etruscos, com os cacos das civilizações perdidas. Confundimos ordinariamente o passado com o "não ser mais". Com o arcaico, com o anacrônico, com o superado. Esquecemos - perigo supremo - que o final desta frase já é passado, que ao acabarmos de pronunciar a palavra "presente" ela não está mais em ato. Ao pensarmos o ser, tendemos a conjugá-lo no passado, no presente e no futuro. Pensamos no que foi, no que é e no que será. Esquecemos o gerúndio; o "sendo" que nos coloca diante da continuidade que relativiza estes lugares estanques de tempo, e faz com que sejamos, a rigor, forjados nesta sucessão incontável de instantes, minutos, horas, dias, anos, séculos e milênios nos quais se teceram a história coletiva da humanidade e mesmo nossos seres individuais. O que fomos está, pois, contido, conscientemente ou não, naquilo que somos agora .

Dizem os físicos que toda a matéria do Universo estava contida numa única unidade infinitesimalmente pequena e infinitamente densa. Houve uma grande explosão, e desde então, o Universo expande-se a uma velocidade espantosa. Esta explosão marca o início do tempo, pelo menos tal como o conhecemos. Acreditam os físicos também que esta expansão terá um limite, depois do qual todo o Universo fará o movimento inverso de retração, o que determinará seu fim ou, pelo menos, a volta à seu estado inicial. Esta é, sucintamente, a cosmologia na qual cremos em final do século XX: é a explicação científica de nossa origem em grande escala.¹⁰ Uma das conclusões decorrentes de tal tese é a de que, já que todo o Universo estava condensado naquele início, de algum modo estávamos presentes àquele momento inicial. Ou seja: a matéria e/ou energia de que somos constituídos vem atravessando bilhões de anos, e atravessará outros tantos, transformando-se e diferenciando-se em infinitas formas, em infinitos seres, desde a estrela mais brilhante que nossa tecnologia pode observar até folha nova e tenra que nasce no vaso em nossa sala de estar. Em nossos corpos há algo do começo dos tempos que perdura, há vestígios do passado mais remoto que o gênio humano foi capaz de conceber. Em nossos corpos, se estão certos nossos homens da ciência, está presente algo do início do mundo.

Ora, não teríamos aqui, em nossa cosmologia tecno-científica e racional, alguns vestígios da visão mítica do mundo? Não há, pois, nos seres do presente a

presentificação de elementos remotos do "tempo original", dos "princípios" em que se deu o próprio vir a ser do mundo que agora dissecamos à exaustão nas diversas especialidades daquilo que chamamos Ciência? E não seria a Ciência, como as Musas do rapsodo grego, também uma filha da Memória?

As Musas cantam o fazer-se contínuo do mundo, o fazer-se do pensamento. Cantam mesmo o fazer das artes. O museu, templo das Musas, era originariamente não apenas sua moradia, mas o lugar de adestramento das artes, onde o conhecimento adquirido, ao ser lembrado, permite estabelecer um nexo com o conhecimento novo. Assim, a Memória é não apenas importante para a retenção do conhecimento, mas fundamental para a elaboração do conhecimento científico, tecnológico e filosófico. Sem a memória que permita a presentificação do conhecimento não há o passo adiante. A memória é, assim, de certo modo, mãe da inspiração: pois que é o nosso fazer contínuo além fabricação do passado que se faz a cada instante ?

A noção de Memória evidentemente transformou-se muito, desde o tempo em que era vivida como a divindade que presentificava o passado e gerou as filhas que presidiam a função da arte e da ciência. Foi analisada, codificada em funções fisiológicas e psíquicas , recebeu diferentes atribuições de valor e importância dentro das inúmeras teorias do conhecimento, até ser, em nossa cultura contemporânea, profundamente desvalorizada na obsessão pelo "novo" e na proliferação do descartável. Reduzimos o objeto da memória ao "não-ser". Pode-se mesmo, deste ponto de vista, perguntar: qual o interesse para o presente de uma acepção mítica de Memória?

O mito nos responde: a Memória liga o presente ao passado, mostra ao ser que existe como se constituiu e no que se fundamenta para vir a ser. Mostra-nos identidade e diferença, nos aponta a repetição, permite que nos admiremos diante do novo. Pois não se diz que é "novo" aquilo diante do qual procuramos referências na memória e não encontramos? E, no instante seguinte àquele em que é percebido, o novo pertence ao passado e ao domínio da Memória.

Não nos lembramos de tudo, nem pessoal nem coletivamente. Lembramos aquilo que tem significado, aquilo que é importante. Assim, vivemos entre a memória e o esquecimento, talvez porque vivamos entre o ser e o não ser mais. Certamente precisamos de ambos para viver. A memória nos faz lembrar de quem somos e o que nos faz querer ir a algum lugar. Quanto ao esquecimento, não é aqui lugar dele agora: é tema para outra reflexão.

NOTAS:

1 HESÍODO. *Teogonia, A Origem dos Deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano, São Paulo: Iluminuras, 1992.

2 BRANDÃO, Junito. *Mitologia Grega*. vol. I, Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p.202-3.

3 TORRANO, Jaa. "O Mundo Como Função de Musas". In: HESÍODO. *Teogonia* ...p.16.

4 HESÍODO. *Teogonia* ... p. 31-32.

5 VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, Ed. da Universidade de São Paulo, 1993. p. 73-4.

6 TORRANO, Jaa. *O Sentido de Zeus*, São Paulo: Iluminuras, 1996, p. 25.

7 ELIADE, Mircea. *Aspectos do Mito*. Lisboa: Ed. 70, 1986, p. 19.

8 PLATÃO. *O Banquete*. Coleção Pensadores, São Paulo: Ed. Abril, 1972, p. 45.

9 PLATÃO. *O Banquete*, p. 46.

10 a respeito, ver HAWKING, Stephen. *Uma Breve História do Tempo*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1988.